

Curso de Arquitetura em Petrópolis começa em 2016

Com 50 vagas em dois turnos (25 alunos em cada turma, manhã e tarde) terá início no primeiro semestre de 2016, a graduação em Arquitetura e Urbanismo da UERJ em Petrópolis. O regime será seriado – períodos anuais ininterruptos, de março a dezembro – e o curso terá duração mínima de cinco anos e máxima de sete, com ingresso pelo Vestibular Estadual.

O curso será um departamento da Escola Superior de Desenho Industrial, a ESDI. Para a chefe de departamento e coordenadora Ana Cristina Cordeiro, a criação do curso era uma demanda antiga e será benéfica para a ampliação do alcance da Universidade: “A UERJ era uma das poucas no estado, se não a única, a não ter um curso de Arquitetura e Urbanismo. E a demanda veio do governo do estado, que queria reunir a interiorização da UERJ a cursos que efetivassem essa interiorização”.

A sede do curso de Arquitetura e Urbanismo será o casarão histórico que foi residência de veraneio do Barão do Rio Branco. Adquirido pelo governo do estado do Rio de Janeiro por R\$ 2,2 milhões no início de 2014, o imóvel passa por reformas para adaptar o espaço a salas de aula. Além da edificação principal no estilo colonial clássico, integram

o conjunto arquitetônico outras três construções de estilo eclético erguidas ao longo do século XX. Todas as casas estão no mesmo terreno, que tem 52 mil metros quadrados.

Além das obras estruturais também serão necessários restauros. Enquanto a casa principal principal não fica pronta, as aulas do primeiro ano serão em uma edificação anexa, que já está adaptada, segundo a professora Ana Cristina: “Nessa casa de alvenaria, o 2º andar tem aproximadamente 50 metros quadrados. Com isso, a casa principal ganha mais tempo para ficar pronta e os alunos do curso de Arquitetura podem acompanhar a obra. Vai ser uma coisa muito interessante, porque eles vão ver a obra ficar pronta de acordo com a tramitação do patrimônio, que é uma das linhas de pesquisa do curso”. Ela acredita que na formação do aluno de Arquitetura é importante vivenciar a prática desde o início do curso, e que esse pensamento deve nortear também a experiência em sala de aula desde o primeiro ano.

Para a estruturação do corpo docente, a UERJ abriu concursos para 15 vagas. Dos 55 inscritos, 11 profissionais foram aprovados, todos com doutorado. Segundo a coordenadora,

“o perfil desejado do professor foi de profissionais que atuassem de maneira transversal o curso todo. Assim os professores conseguem circular por todas as disciplinas”. As cadeiras de Topografia, Planejamento Urbano e Regional, Engenharia e Design ainda estão vagas e por isso está prevista a realização de concurso, ainda sem data definida.

O Curso de Arquitetura e Urbanismo terá linhas de pesquisa e disciplinas orientadas de acordo com três grandes eixos – Habitação, Patrimônio e Geologia – que mais tarde serão incorporados aos programas de mestrado e doutorado: “Estando em Petrópolis o curso pôde seguir três linhas de pesquisa: patrimônio e restauro, por conta das edificações representativas de movimentos arquitetônicos e de períodos históricos, cuja revitalização e reutilização fazem parte das atribuições dos arquitetos; e topografia da cidade, pelo tipo de terreno.

Informações sobre o Vestibular Estadual estão na página www.vestibular.uerj.br. Para saber mais sobre o curso de Arquitetura e Urbanismo, basta entrar em contato com a Escola Superior de Desenho Industrial (tel. 2332-6910) ou enviar e-mail para secretaria@esdi.uerj.br.

UERJ elege Reitor e Vice-reitora para o quadriênio 2016-2019

Com 64,58% dos votos, a Chapa 20 – “Avançar UERJ”, formada pelos professores Ruy Garcia Marques e Georgina Muniz – foi eleita em outubro para a próxima gestão da Reitoria da Universidade (quadriênio 2016-2019). Os candidatos eleitos receberam votos de 3.591 alunos, 1.438 docentes e 2.139 servidores técnico-administrativos.

Em suas primeiras palavras como Reitor eleito, Ruy Garcia Marques elogiou a lisura com a qual as duas chapas conduziram a campanha e destacou o desejo de trabalhar por uma Universidade melhor: “Estamos eleitos e com muita felicidade de poder trabalhar pela

UERJ. Sabemos que o momento atual é bastante adverso, mas estamos aqui, nunca fugimos à luta e vamos trabalhar por uma UERJ unida.” Sobre as prioridades em sua gestão, o professor Ruy disse que a melhoria do setor de informática da UERJ será uma delas: “Prioridades serão definidas por todos. Algo que já elegemos como prioritário, porque foi o desejo de praticamente todas as unidades que visitamos na campanha, é a melhoria do nosso parque de informática para que possamos ter um sistema que converse com todas as unidades. Essa é uma prioridade determinada, o resto virá a partir de consultas.”



Nádia Martins

Laboratório do Instituto de Letras oferece treinamento para o exame TOEFL

A partir do segundo semestre de 2015 a UERJ passou a oferecer treinamento para o exame TOEFL (*Test of English as a Foreign Language*), um dos testes mais admitidos em todo o mundo como avaliação de conhecimento da língua inglesa. O exame é aceito para ingresso em cerca de 9.000 instituições de ensino superior em mais de 130 países, entre eles Estados Unidos, Canadá, Austrália e Reino Unido. O TOEFL foi criado em 1962 na Universidade de Stanford, na Califórnia, mais tarde foi administrado pelo The College Board, complexo universitário responsável pelos testes nos Estados Unidos, e atualmente é oferecido pelo ETS (Educational Testing Service), responsável pelo conteúdo do teste e avaliação dos candidatos.

O objetivo do TOEFL é verificar as habilidades do estudante em língua inglesa do nível intermediário ao avançado, com questões formuladas de acordo com parâmetros e linguagem específica do meio acadêmico. O exame pode ser feito por qualquer pessoa que queira medir seus conhecimentos em inglês, especialmente quem deseja estudar fora do Brasil e que esteja pleiteando bolsas de estudo oferecidas por agência de fomento.

O preparatório para o TOEFL tem duração de 60 horas, distribuídas em dez semanas, e é um dos cursos oferecidos pela área de Projetos Especiais em Línguas Estrangeiras do LICOM. Para participar do treinamento do TOEFL é

preciso ser aluno da UERJ e comprovar conhecimento de inglês nível intermediário (200 horas/aulas cursadas). Neste primeiro semestre de funcionamento não está sendo cobrado qualquer tipo de mensalidade ou taxa de matrícula e os alunos foram sorteados, dentre os inscritos, para a formação de duas turmas com 40 vagas cada no turno da tarde. “São aulas com foco na escrita, em gramática, em compreensão auditiva e outras em compreensão leitora, mas sempre trabalhando aspectos linguísticos e da competência individual. Não é uma formação específica, mas usa o teste em sala de aula, explica a diretora do Instituto de Letras, Maria Alice Antunes, que também coordena o Programa LICOM – Línguas para a Comunidade.

A proposta de oferecer o treinamento na UERJ surgiu de um acordo entre o Instituto de Letras e o Departamento de Cooperação Internacional/SR-2, diz a diretora Cristina Russi: “A iniciativa partiu da necessidade de preparatório para os exames de proficiência exigidos pelo programa Ciência sem Fronteiras, oferecido pelo governo federal. No futuro, de acordo com a demanda e os recursos exigidos, outros idiomas poderão ser implementados”. O treinamento para o TOEFL na UERJ tem financiamento da agência de fomento estadual: “Quando foi publicado o edital da FAPERJ nº 09/2012, o DCI/SR-2

e nós do Instituto de Letras montamos um projeto para solicitar recursos”, informa a vice-diretora e professora do Departamento de Estudos da Linguagem, Tânia Saliés. “O projeto contemplou a aquisição de 42 computadores, material oficial do TOEFL e pagamento do profissional para executar o treinamento durante 12 meses”.

Segundo informações divulgadas no site do ETS, mais de 30 milhões de pessoas em todo o mundo já fizeram o TOEFL desde o primeiro exame aplicado. No Brasil, o teste é oferecido diversas vezes ao ano, sempre por centros de aplicação autorizados pelo ETS. A partir da pontuação obtida no TOEFL é emitido um certificado de proficiência na língua inglesa aceito em diversas universidades e instituições de ensino e pesquisa em vários países. O certificado é reconhecido pelo MEC e é diferente das certidões e diplomas emitidos por cursos regulares de inglês, que servem para medir os conhecimentos na língua, mas não são aceitos como certificados internacionais. O treinamento do Instituto de Letras visa preparar o estudante para o TOEFL iBT, a modalidade mais moderna e que em breve deve substituir todos os outros tipos. O teste TOEFL iBT tem duração de quatro horas e meia e avalia o estudante nas seguintes categorias: leitura, compreensão oral, expressão escrita e expressão oral.

Tese de professor do IME detecta alteração de perfil da classe trabalhadora

Trabalho baseado em estudantes universitários se contrapõe à ideia de nova classe média

Com mais de 30 anos de experiência em pesquisa de mercado, o professor do Instituto de Matemática e Estatística da UERJ, Guilherme Caldas, defendeu tese de doutorado contrária à ideia do surgimento no país de uma nova classe média. O trabalho, desenvolvido no Programa de Pós-graduação em Políticas Públicas e Formação Humana da Faculdade de Educação, aponta dois equívocos nos estudos sobre o surgimento de uma nova classe média no Brasil: usar o aumento de renda

como critério suficiente para considerar a ascensão de um grupo de indivíduos a outra classe social; e adotar uma faixa de renda com valores inferiores em relação à internacionalmente aceita como parâmetro de pertencimento.

Segundo Caldas, para um número expressivo de autores, a ideia de classe média supõe um estilo de vida que envolve, além da posse de determinados bens (como casa própria e carro), educação diferenciada de nível superior.

“O conceito mais robusto que encontrei como vetor de mobilidade social foi o de capital cultural, de Pierre Bourdieu. Para o autor, o capital cultural, seja ele adquirido no convívio familiar ou via progressão escolar, pode ser convertido em capital econômico. Pesquisas mostram que este tipo de conversão é mais vantajoso quando se trata de educação de nível superior, fator preponderante ou de maior força na condução das classes mais pobres em direção à classe média.

Reitor da UFSB discute os desafios da universidade contemporânea

Naomar de Almeida Filho, professor e Reitor da Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB) e coautor do livro *Desafios da Universidade no Século XXI*, esteve em setembro no campus Maracanã para uma palestra sobre o tema “Universidade contemporânea: desafios e possibilidades”. Entre outros pontos, ele tratou dos modelos formativos, da inovação curricular, dos sistemas de governança, da produção e transferência de tecnologias, da participação em processos decisórios, do protagonismo e da participação discente, do impacto social e das fronteiras disciplinares nas universidades. Baseou o seu relato na sua experiência como Reitor da Universidade Federal da Bahia (2002-2005 e 2006-2009) e na Federal do Sul da Bahia (desde 2014) e também como professor titular na Universidade de Guadalajara (no México); e professor visitante nas universidades da Carolina do Norte, da Califórnia e de Harvard (nos Estados Unidos) e na Universidade de Montreal, no Canadá.

Dentre os desafios enfrentados pela universidade hoje, o professor Naomar destacou o que chamou de “perversão social da educação”: “Aquilo que faz com que, de uma geração à outra, uma minoria social consiga colocar a sua prole no ensino médio privado, de melhor qualidade – com renúncia tributária, já que até os 24



Médico, o Prof. Naomar tem mestrado em saúde pública e doutorado em epidemiologia

anos idade é possível deduzir do imposto de renda os gastos com a própria educação ou com a dos filhos – e, posteriormente, numa universidade pública gratuita, em geral de melhor qualidade que as universidades privadas, formando assim pessoas que saem da universidade com maior empregabilidade, munidas de maior capital cultural e maior valor social”.

Ele também sugeriu a alteração da lógica de organização do ensino superior no Brasil: “Ao invés de se basear em unidades isoladas de formação, que se juntam sob o nome ‘universidade’ e sob um único CNPJ, mas que se mantêm autônomas – de tal modo que os sujeitos, no momento da escolha de suas carreiras, não sabem exatamente o que irão encontrar e por essa razão têm grande chance de errar na escolha – proponho ciclos de formação. No primeiro ciclo (geral), seria dado aquilo que deve ser comum a todos os cursos; em

seguida, o que é específico de cada grande área; e no final da formação, o que é exclusivo de cada área”.

Para o professor Naomar, a especificação extrema de repertórios, além de construir currículos rígidos, faz com que o aluno que entra em uma faculdade de Direito, por exemplo, curse praticamente tudo na faculdade, esvaziando o conceito de universidade, que passa a ser apenas um

tímbr nos diplomas: “Essa desconexão é tão evidente, que é comum as pessoas dizerem ‘estou indo para a faculdade’ e não para a Universidade”, argumentou. Ele propôs ainda, como medida contrária ao desperdício de recursos públicos, ano letivo com três quadrimestres de 72 dias cada um (totalizando 900 horas anuais) e recessos de 15 dias entre eles, em substituição à dupla de semestres que chamou de “ficcional”, por não equivaler (segundo seus cálculos) a dois ciclos de seis meses, seria a causa da ociosidade de cinco meses e meio a cada ano nas instituições de ensino superior.

Aberta ao público, a palestra foi coordenada pelos professores Eduardo Faerstein, do Instituto de Medicina Social; André Lázaro, da Faculdade Latino-americana de Ciências Sociais; e Tatiane Baptista, da Coordenadoria de Estudos Estratégicos e Desenvolvimento.

Núcleo de Estudos Quantitativos funciona como centro de formação de pesquisadores

Vinculado ao Instituto de Ciências Sociais da UERJ, o Núcleo de Estudos Quantitativos (Quantitados) é um projeto de extensão que tem entre os seus principais objetivos a elaboração de bases de referência para pesquisa social com dados socioeconômicos e demográficos. Segundo o professor Doriam Luis Borges de Melo, que coordena o Quantitados desde 2013, “nas pesquisas desenvolvidas procuramos fazer com que os alunos (bolsistas da graduação e alunos vinculados ao Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais) possam desenvolver técnicas e metodologias quantitativas e aprender mais. A ideia é aprimorar o aprendizado nas metodologias quantitativas não apenas sob a perspectiva teórica, mas sobretudo em uma perspectiva prática”.

Os bolsistas do laboratório são orientados por seis professores vinculados ao Instituto. Os trabalhos são desenvolvidos em espaço equipado com dez computadores, *datashow*, servidor próprio e softwares

estatísticos. Entre os temas estudados estão gênero; desigualdade; exclusão social; estratificação; violência; cor e raça; política; democracia; direitos humanos; mídia e educação. O trabalho usa metodologia quantitativa e de *survey* (coleta de informações via questionários aplicados junto ao público escolhido para a pesquisa) e produz análises e tratamento de dados secundários de diversas procedências.

“O Quantitados é uma oficina de pesquisa que se relaciona com outros núcleos de pesquisa. Um exemplo é a pesquisa atual sobre a América Latina, na qual os bolsistas acessam bases internacionais de informações como o *Latinobarômetro* e o *Latin American Public Opinion Project*. Outro exemplo foi a pesquisa sobre suicídio policial, em parceria com o Laboratório de Análise da Violência da UERJ, coordenada pela professora Dayse Miranda, na época nossa pós-doutoranda. Nessa pesquisa, o Quantitados pôde realizar um *survey* com policiais de todo o Brasil para descobrir

e estudar a tentativa e a ideação suicida entre policiais militares. Esse é um tema extremamente importante quando pensamos em políticas públicas, mas sobre o qual infelizmente não se tem dado muita atenção. Conseguimos coletar cerca de 18 mil questionários. Na parte de análise, um aluno da pós-graduação começou a avaliação descritiva e depois escrevi o relatório final, que agora é capítulo de um livro a ser publicado em breve pelo Ministério da Justiça”, exemplifica o professor Doriam.

Outras cinco pesquisas estão em curso atualmente, entre elas “Família e gênero no Rio de Janeiro” e “Georreferenciamento dos homicídios dolosos de 2014 da cidade do Rio de Janeiro”. Nesta, por meio do cruzamento de informações do censo do IBGE e das localidades onde homicídios ocorreram, é possível desenvolver diferentes análises de estatísticas espaciais e verificar a relação para cada setor censitário, como renda, escolaridade e taxas de violência.

Também dificulta o regresso dessa população às condições originais de pobreza”, explica.

Usando metodologia de caráter qualitativo, ele entrevistou estudantes de 16 cursos da UERJ. Como grupo de controle, agregou estudantes de classes privilegiadas. Nas entrevistas realizadas com a técnica de grupos focais, os estudantes a meio caminho da conclusão de seus cursos foram divididos em quatro grupos para o cruzamento de duas variáveis: perfil de origem e escolha da carreira. “A ideia foi escapar da leitura limitada dos patamares de renda ou das categorizações ocupacionais, que não permitem desvelar os comportamentos e os desejos dos grupos analisados”, esclarece o professor.

Traços comuns encontrados entre todos os estudantes das classes populares foram: a educação superior como meta e o enorme esforço para atingi-la; a pressa para resgatar o que as circunstâncias de vida e a escola deficiente deixaram passar; a consciência das possibilidades de conversão do diploma para melhora na condição de vida; a perspectiva de oferecer aos filhos um capital cultural que permita uma trajetória que os leve à universidade. Com exceção do último, esses traços não apareceram entre os estudantes de classe média, que encaram o ensino superior como uma etapa a ser cumprida para a manutenção das suas condições de vida.

Reconhecendo que a metodologia aplicada não permite conclusões sobre o conjunto da população considerada “nova classe média”, o estudo de Caldas conclui que os hábitos, os valores e as aspirações dos estudantes universitários oriundos das classes populares continuam centrados na dinâmica do trabalho, dando novo contorno à classe trabalhadora, mas se distanciando do “estilo de vida” típico da classe média. Diz o professor: “O que se detecta é uma alteração do perfil da classe trabalhadora e não a emergência de uma nova classe média.”

Sistema Labgis lança software livre para análise de bacias hidrográficas

Hydroflow 1.0 é o nome do software livre desenvolvido pelo Núcleo de Geotecnologias da UERJ (Sistema Labgis) para análise de bacias hidrográficas, três vezes mais veloz e mais “amigável” que a versão beta anterior. Como todo software livre, tem a vantagem de liberdade de execução, estudo, modificação e de repasse com ou sem alterações, o que favorece o desenvolvimento do programa para atender necessidades específicas, de perfis distintos de usuários, e rapidez na solução de possíveis falhas no código-fonte (bugs), já que muitas pessoas podem acessar o código a um só tempo.

Desde a instituição da Lei nº 9.433 em 1997, de Política de Recursos Hídricos, o impacto das atividades humanas sobre os recursos hídricos tem se firmado como unidade de estudo sobre as bacias de drenagem, que consistem em porções da superfície terrestre que recebem naturalmente a água das chuvas, escoando-a da parte mais alta para a mais baixa do relevo por meio de uma rede hidrográfica. Constituída por diversos tipos de cursos d’água (córregos, ribeirões etc.), e concentrando-se no rio principal, a vazão total ocorre através de uma única saída (foz ou desembocadura). O programa Hydroflow identifica a direção e sentido do volume, hierarquizando por meio de uma classificação quantificada os cursos d’água das bacias hidrográficas. Essa classificação é útil para pesquisadores e gestores do meio-ambiente porque ajuda na compreensão dos processos de erosão, inundação, enchentes e também no estabelecimento de formas de aproveitamento hídrico para irrigação, por exemplo. “Analogamente falando, classificar

os fluxos de uma bacia hidrográfica é o mesmo que pontuar os galhos de uma árvore tendo como critério o calibre, ou seja: quanto mais grosso o galho, mais pontos ele recebe, maior a sua ordem”, explica o professor Rui dos Santos, coordenador do Sistema Labgis.

Segundo o bolsista do Projeto Qualitec José Augusto Sapienza, desenvolvedor do Hydroflow 0.9 e do novo método de análise espacial que deu origem ao Hydroflow 1.0, a ideia do programa surgiu quando estagiava no Labgis: “Em 2004 fui incumbido de classificar a rede de drenagem do Rio do Turvo, na bacia do rio Paraíba do Sul. Enquanto fazia tudo a mão, em um trabalho que levava dias, pensei que deveria haver uma maneira de automatizar o trabalho e foi o que procurei desenvolver”. O método lançado agora foi implementado por Alexandre Reis, analista de sistemas da Dinfol, cedido ao Núcleo.

O Sistema Labgis trabalha com Sistemas de Informações Geográficas (GIS, na sigla original do inglês). Desenvolve pesquisas, organiza cursos e desenvolve projetos como o do Hydroflow. Antes alocado na Faculdade de Geologia como grupo de trabalho multidisciplinar dedicado ao estudo da bacia do Rio Paquequer (RJ), agora está vinculado ao Instituto Multidisciplinar de Formação Humana e Tecnologias (IFHT).



Reitor: Ricardo Vieira **Vice-reitor:** Paulo Roberto Volpato

Diretoria de Comunicação Social • Direção: Sonia Virgínia Moreira **Informe UERJ – Edição de texto:** Graça Louzada **Apoio editorial:** Aline Magioli, Lorena Forti e Priscila Domingues **Fotos:** Andréia Régo **Projeto Gráfico:** Rafael Bezerra **Editoração:** Paula Caetano

Impressão: Gráfica UERJ • **Contato:** comuns@uerj.br